

Pontifícia Universidade Católica – PUC- Rio

II Simpósio do Lars - ATOPIA

José Salmo Dansa de Alencar

Mestrando em Design 2002/2003

Orientador: Prof. Gustavo Bomfim

Título: O imaginário

Apresentação

O imaginário do qual pretendo me servir e ao qual me refiro é um campo imaterial e definido de diferentes maneiras dentro da diversidade do pensamento humano, principalmente através da psicanálise e da filosofia. Este trabalho utiliza conceitos dessas áreas no intuito de estabelecer como a narrativa oral e o desenho infantil se estabelecem como linguagens pela fala e pelas imagens no processo de transposição.

Podemos ver o imaginário como um ponto de partida da linguagem, provedor das matrizes de uma recriação ou como um mediador entre o real e o simbólico. Esse movimento de recriação que se identifica coletivamente acontece antes em nível individual, pois, em um primeiro momento seria nesse campo (que circunscreve as imagens, os “eus”) que se situa a imaginação. Essa capacidade de imaginar ou configurar mentalmente um objeto vem a ser o caminho através do qual podemos perceber o imaginário.

Em relação à oralidade, especificamente, podemos descrever a linguagem como uma potencialidade que se atualiza na língua e a esta, por sua vez, se atualizando na fala. Mas entre o pensamento e a fala existe uma distância. O pensamento gerado pela pulsão só se torna discurso através da consciência que age como filtro, estabelecendo os códigos comuns aos interlocutores.

Os códigos revelam os limites da linguagem nas possibilidades de escolha dos meios pelos quais nos expressamos, enquanto, por outro lado, somos sempre norteados pela “necessidade” de compartilhar percepções, sentimentos e conhecimento no meio em que vivemos. A linguagem humana pressupõe o homem em atividade, compartilhando e se relacionando com o meio social, pois é no social que a linguagem se estabelece como atividade intermediária entre o desejo e a possibilidade de encontro do objeto de satisfação, é, portanto, a linguagem o modo fundamental de orientação do sujeito no mundo.

“É num mundo de linguagem que cada homem tem de reconhecer um chamado, uma vocação, que se averigua ser-lhe revelada. Alguém falou a pouco de revelação ou de fundação, e é justamente disto que se trata. Defrontamo-nos com um mundo de linguagem, que nos dá, de vez em quando, a impressão de haver algo de essencialmente neutralizante, incerto. Não há um só filósofo que não tenha insistido, a justo título, sobre o fato de a própria possibilidade do erro estar ligada a existência da linguagem. Todo sujeito não tem apenas de tomar conhecimento do mundo, como se tudo ocorresse num plano de noetisação, ele tem de orientar-se nele.”¹

¹ LACAN, Jacques. *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985

O imaginário

O Imaginário em sua essência subjetiva não é aquilo que realiza, nem tão pouco aquilo que indica, simboliza ou significa, mas diz respeito à linguagem, de acordo com o pensamento Lacaniano, como uma das três dimensões do espaço topológico que constitui o sujeito: o real, o simbólico e o imaginário. “Portanto não é possível conceber o imaginário como objeto isolado, sem levar em conta a sua relação com os dois outros termos do espaço topológico do sujeito”.²

Da imagem podemos partir como uma vertente etimológica que conceitua o imaginário relacionando este a tudo que se apreende visualmente do mundo. Deste modo o imaginário está carregado de elementos culturais e se modifica na configuração da identidade que cada cultura produz e sustenta como sua. No entanto esse imaginário está condicionado ao olhar do sujeito, um ‘olhar “interessado” no objeto e deformado pelo desejo que, ao introduzir essa deformação na “realidade objetiva”, faz com que o sujeito deixe sua marcas, manifestando-se enquanto desejo. A imagem como representação do objeto se estabelece como forma pelo modo de olhar do sujeito.

Esse desejo que direciona o olhar é um processo cultural (não é uma criação individual) assimilado pelo sujeito em contato com o meio, ou seja, o sujeito se alimenta do “real” e a subjetividade permeia a percepção o tempo todo. Essa percepção pode ser de objetos concretos, objetos ideais, ou, sobretudo relações, e é um conhecimento que promove, com base nos dados recolhidos, a coordenação da conduta. A constituição do sujeito pela percepção e apreensão do “mundo real” se dá na capacidade de estabelecer e

² PORTINARI, Denise Berruezo. *A Noção do Imaginário e o Campo do Design*, In: COUTO, R.M.S., JEFFERSON, A.O.(org), *Formas do Design: por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: 2AB. 1999.

compreender relações e é consequência, pelo princípio da realidade, da identificação do objeto capaz de satisfazer o desejo.

A realidade psíquica, diferentemente do que estabeleço como “mundo real”, é feita essencialmente de representações. O mundo apreendido é predominantemente imagético e é nesse sentido que o imaginário e o simbólico estão intrinsecamente ligados; o imaginário como coisa inventada, separada do real, é na definição de Cornelius Castoriadis³ a capacidade elementar e irredutível de evocar uma imagem.

‘O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de “imagens” mas estas “imagens” estão lá como representando outra coisa; possuem, portanto, uma função simbólica. Mas também, inversamente, o simbolismo pressupõe uma capacidade imaginária’.

Essa capacidade de evocar imagens, aonde se apóia o simbólico, não dá ao imaginário a totalidade do sentido que o simbólico carrega, este comporta, quase sempre, um componente que representa o real. O simbolismo está vinculando dois termos de maneira que estes se representem mutuamente, assim, pela sua capacidade de representar o real, o símbolo é a dimensão mais próxima da linguagem, mas só pode existir em relação ao imaginário, uma vez que este tem, pelo aparelho psíquico, a capacidade de arquivamento e transformação.

O pensamento ocorre de modo variável de um indivíduo para o outro, pois este acontece como trajetória da energia psíquica que se produz entre o desejo e a sua realização. O conhecimento tende a se moldar ao “recipiente” mental de cada ouvinte, pois existe sempre uma transformação nesta trajetória, aquilo que transmitimos não

³ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

representa o pensamento com exatidão, pois este é impreciso e se organiza em relação ao “todo”, cada releitura deste pensamento evoca a memória e toda memória é fantasia.

O sistema psíquico descrito por Antonio Mamede Neves⁴, referindo-se aos postulados de Freud, tem registros de dois tipos fundamentais de experiências para o ser humano: a experiência de satisfação e a experiência de dor, que resultaram em memórias decorrentes do processo de busca do objeto de satisfação ou afastamento do objeto hostil. São as memórias dessas experiências que permitem que o sujeito perceba no mundo externo a existência do objeto capaz de provocar prazer ou dor e é a memória dessas experiências que move o pensamento. Seja este prático ou cogitativo, as atividades do pensamento são atividades intermediárias entre o desejo e o encontro do objeto de satisfação.

A relação com as imagens do dia-a-dia é construída individualmente e na forma como cada um apreende a realidade e a internaliza como memória. O sujeito vai estabelecer a representação do mundo através de registros que lhe permitam lidar com o prazer e a realidade. Nesse sentido o “princípio do prazer” parece funcionar na esfera de um pensamento prático, posto que este visa somente a satisfação dos impulsos libidinais e impede que seja tolerada qualquer demora em satisfazê-los. No entanto a linguagem se formula através de signos codificados através de um “princípio de realidade” que se dá pela necessidade de encontrar, no mundo externo, o objeto capaz de satisfazer o desejo (ou evitar o objeto hostil).

⁴ NEVES, Antonio Mamede. *CONVERGÊNCIAS, N 3 - Psicanálise e Educação – conexões*, Rio de Janeiro: CEPERJ, 1996.

Memória e processo criativo

O desejo e a repulsão, forças decorrentes das experiências de satisfação e dor, têm um papel determinante na formação da memória e conseqüentemente das condutas de fuga ou aproximação. Todo movimento psíquico de criação e aprendizado está vinculado à motivação do sujeito e conseqüentemente não vem do objeto, mas do desejo, pois o sujeito se constitui na falta. Portanto é pela memória que se dá essa relação, pois só podemos desejar o que conhecemos e nomeamos. Todas as nossas atitudes desde as mais elaboradas até as mais simples estão motivadas pelo desejo ou simbolizando uma espera. Ele está lá, ainda que esteja camuflado por segundas intenções ele vai ser aquilo que nos mantém vivos aprendendo e criando.

Separamos o pensamento subjetivo e o objetivo para tentarmos compreender a complexidade do sistema psíquico, mas, na verdade temos a necessidade de transitar o tempo todo pelos terrenos da subjetividade e da objetividade. Esse trânsito no pensamento permite que se chegue à comunicação e conseqüentemente ao aprendizado: de um lado externo, o mundo dos objetos, coisas, pessoas, agentes físicos, etc. e de outro o sujeito. Aí passamos a ver a comunicação em todas as suas formas como algo essencial onde nos identificamos e trocamos competências e desejos com o outro e reconhecemos este como um processo onde sujeito e objeto se formulam mutuamente. Nas trocas que a comunicação possibilita com esse outro passamos a aprofundar essa formulação do objeto/sujeito numa triangulação entre sujeito/objeto/sujeito, pois é preciso que esse objeto seja reconhecido e nomeado pelos interlocutores para que haja desejo.

É a formação da linguagem que nos permite o verdadeiro encontro entre o nosso desejo e o objeto desejado. Passamos então a nos desenvolver e depurar a linguagem que certamente vai estar formulando as raízes da nossa subjetividade, assim possivelmente nos identificamos com uma atividade pela motivação que certos assuntos nos desperta e isso parece relacionar de algum modo àquilo que trazemos a priori e o meio social em que estamos inseridos.

O movimento de organizar o pensamento acontece de modo caótico, pois, além do pensamento ter camadas, níveis de complexidade e entendimento ele vem fragmentado e misturado. É na linguagem que vai se organizar o pensamento, pela capacidade criativa de organizar e dar forma, de modo inteligível, aos signos da linguagem no discurso. Essa capacidade de organização da linguagem necessita de uma lógica estrutural que dê sentido aos signos, só que isso acontece sem que se perceba, pois o processo do pensamento em si e a própria comunicação se faz, enquanto processo, de modo inconsciente.

Podemos notar em nossas vidas uma série de rituais que se repetem diariamente e perceber que essas regularidades é que organizam a subjetividade, pois sem isso ela seria avassaladora. A memória e a imaginação participam dessa composição como provedores de recursos enquanto o desejo e a lógica vão ser articulados pela pulsão para trabalhar a forma do discurso, de modo que se crie esse “prazer verdadeiro” que poderá ser um prazer cognitivo ou estético, numa constante troca de influências.

A “criatividade” como expressão subjetiva que permite as necessárias mudanças de paradigmas responsáveis pelo avanço tecnológico, científico e artístico do mundo acontece inicialmente por um processo psíquico primário, pois é preciso que se permita

que a energia psíquica transite livremente no aparelho mental, passando sem barreiras ou impedimentos de uma representação psíquica para outra, utilizando-se dos recursos que dispõe para materializar as representações mentais. A capacidade especulativa em torno de idéias é um modo cogitativo de pensamento que busca relações e possibilidades por diversos caminhos, mantendo-se aberto ao entrecruzamento e fertilização entre as diferentes questões envolvidas.

Os mecanismos de condensação e deslocamento são modos recorrentes com que o aparelho psíquico retira energia de diversas representações psíquicas para condensá-las numa única representação mental ou, inversamente, desloca essa energia para outras representações.

O processo secundário influi na criatividade pela via da cognição e entendimento das questões levantadas inicialmente, levando-se em conta a pertinência destas em confronto com a realidade. O pensamento crítico e o procedimento empírico podem ser um modo de avaliar essa pertinência, trazendo elementos necessários para elaboração das etapas desse processo.

O pensamento é movido pela memória, permitindo que se estabeleça uma identidade com o objeto dessa memória e isso vai dar origem à identidade do pensamento.

Oliver Sacks⁵ cita em seu livro “Um antropólogo em Marte” um conceito de Frederic Bartlett a respeito do funcionamento da memória no aparelho psíquico como uma construção imaginativa transformada em imagem ou linguagem:

⁵SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte (sete histórias paradoxais)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Pp.183

“Relembrar não é reexcitação de inumeráveis traços fixos, inanimados ou fragmentários. Trata-se de uma reconstrução, ou construção imaginativa, erguida a partir da relação de nossa atitude com toda uma massa ativa de reações ou experiências passadas, e com um pequeno detalhe importante que aparece normalmente em forma de imagem ou linguagem. Portanto, nunca é realmente exato mesmo nos casos rudimentares de uma recapitulação mecânica, o que não tem a menor importância.”

O imaginário na linguagem da arte

A atividade artística tem, pela sua natureza subjetiva, um processo que inclui o mistério e a mudança como parte do repertório. A tradição da grande arte está repleta de lendas e temperamentos controvertidos, não obstante, é na própria tradição que podemos observar uma necessidade do fazer artístico ser ensinado como linguagem por um processo normal na relação de mestre e aprendiz que inclui, sem dúvida o raciocínio lógico nos procedimentos técnicos de articular os materiais e códigos da linguagem. A criação, entretanto, escapa em grande parte à sistematização de processos por ser guiada pela motivação intrínseca do artista e pela intuição, como descreve Fayga Ostrower⁶:

“É um processo fluido, altamente dinâmico, de simultâneas sínteses, nas quais se integram o consciente e o inconsciente da pessoa, seu ser sensível, inteligente e imaginativo, seus pensamentos, suas emoções, seus desejos e aspirações, sua experiência de vida e seus valores.”

⁶ OSTROWER, Fayga. *A grandeza humana: cinco séculos, cinco gênios da arte*. Rio de Janeiro. Campus, 2003

A motivação tem sido objeto de estudo da psicologia na relação com a qual o sistema psíquico do sujeito organiza inconscientemente suas influências do mundo externo e organiza conscientemente a energia psíquica na linguagem. Essa motivação que guia e impulsiona o sujeito em toda as atividades poderá ser extrínseca quando proveniente de uma consciência dos possíveis ganhos externos que essa atividade lhe pode proporcionar, ou intrínseca quando sentida como energia interior ou busca de satisfação do desejo.

O sentimento presente numa obra de arte pode ter para o autor a intenção de deslocamento, ou seja, a distribuição da carga dos afetos ou recalques para outros significantes, assim como para o receptor ela também está relacionada a uma experiência de satisfação ou de dor. Esse deslocamento é visto como uma metáfora. A arte tem esse poder de nos trazer lembranças e nos marcar, como uma forma prazerosa de aprendizado; ali reconhecemos coisas da vida e nos defrontamos com questões pessoais trazidas de forma indireta ou simbólica. Quando entramos em contato com determinadas metáforas da arte é impossível não se emocionar e isso fica marcado na nossa memória.

Essa fantasia criada pela imaginação do autor pode ser vista também como resposta a uma angústia. Este é um processo onde o desejo ou a repulsa é sublimado, quando a libido é direcionada para a linguagem artística. Isso parece fazer sentido em contato com a afirmação a respeito da fantasia no texto de Sara Paín: “Em geral o grande motor da fantasia é a humilhação, quando alguém nos ofende, ou uma frustração. O que não se suporta é a ausência de não ter sido como deveria ser”.

Mas essa forma artística, sempre inacabada, não dá conta do significante, pois o processo de significação se desenvolve através do ouvinte, pois é o ele que dá sentido à

obra de acordo com as circunstâncias e sua subjetividade. O receptor atribui à obra um caráter novo no encontro com a sua subjetividade que passa a ser “cabide” onde ele pendura todo tipo de significado atribuído por cada um de nós de acordo com o contexto, perpetuando memórias em nível coletivo (moda), institucional (publicidade, hinos, música sacra) e pessoal (saudade e melancolia são sentimentos da memória). Nesse caso o processo de condensação é metonímico.

A memória tem uma relação bem próxima com a sonoridade e com a visualidade. O caráter efêmero da linguagem musical ou oral parece estar relacionado à vivência da memória no tempo, enquanto, o signo visual parece estar relacionado à vivência de uma memória espacial. Ainda que existam outros tipos de memória ligados aos sentidos e que não sejam separadas e impermeáveis entre si, me parece que, de algum modo, a sonoridade e o signo visual se relacionam na cognição por intermédio desta relação com a memória, reafirmando a ligação entre a estética e a cognição.

Referências bibliográficas

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

COUTO, R.M.S., JEFFERSON, A.O.(org), *Formas do Design: por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: 2AB. 1999.

LACAN, Jacques. *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985

NEVES, Antonio Mamede. *CONVERGÊNCIAS, N 3 - Psicanálise e Educação – conexões*, Rio de Janeiro: CEPERJ, 1996.

OSTROWER, Fayga. *A grandeza humana: cinco séculos, cinco gênios da arte*. Rio de Janeiro. Campus, 2003.

SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte (sete histórias paradoxais)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.